



Acervo Ponto de Memória Espanha (2011)
Ficha técnica entrevista Ana Claudia
Traducción al portugués: Elisa Duarte

Bom, o meu nome é Ana Claudia Santano, sou do Brasil, natural de Curitiba, Paraná, uma capital do sul do país. Tenho 30 anos e estou terminando o meu doutorado aqui, pela Universidade de Salamanca. Falar da minha cidade é falar de um pedacinho da Europa dentro do Brasil. É uma cidade fria, que chove muito, é muito parecida com Londres.

Sim, é, Curitiba que é a capital do Paraná. Somos basicamente fruto da imigração europeia do início do século. Tanto que dentro da cidade, há cinco comunidades muito fortes: a alemã, a italiana, a ucraniana, a polonesa e a japonesa. Nós comemoramos a primavera japonesa, o *Hanamatsuri*, deve ser algo assim, não sei. Enfim é muito bonito. E, além disso, eu tenho uma metade da minha família é italiana e a outra alemã. Então, eu costumo fazer a brincadeira de dizer que eu de brasileira tenho o passaporte e a bunda. E nada mais. E isso é tem um pouco de verdade, porque eu conheci um pouco mais do conceito "Brasil" quando cheguei aqui. O que é muito curioso. Porque nós em Curitiba, além de viver uma realidade completamente diferente de outras partes do Brasil... é que o Brasil é tão grande, tão grande, que nós não nos damos conta da riqueza cultural que temos dentro. Ou seja, eu só pude ter algum contato aqui, realmente. Então, realmente, não se trata do Brasil tropical, de jeito nenhum. O verão é terrivelmente úmido e quente, não obstante, o inverno é uma tristeza, é perfeito para estar dentro de casa com uma xícara de chá, e se esquecer do mundo. Exatamente assim. E, além disso, uma característica muito curitibana é que a cada dia você pode ter as quatro estações do ano, literalmente. Ou seja, uma pessoa



muito curitibana sempre tem um grande casaco, uma camiseta embaixo, um guarda-chuva, tem de tudo e levando consigo. Assim que, é muito curioso.

Bom, como havia comentado, tenho metade alemã e metade italiana. Minha família italiana sim que viveu em Curitiba, mesmo que seja natural de Santa Catarina, que é um estado mais ao sul. E, bom... Com os meus avós era um contato direto mais italiano. Porque, claro, os costumes vão se perdendo de geração em geração. O meu pai é um brasileiro normal e corrente. Não obstante, o meu avô sim que falava italiano e essas coisas... E bom, a comida era toda italiana, a maneira de falar com as mãos, o volume, isso eu acho que tenho muito...

Então, pois isso... A parte alemã vive ainda em Santa Catarina, numa cidade que se chama Canoinhas, que está quase na fronteira entre Santa Catarina e Paraná. E, sim, eles são muito alemães. Quando você vai à cidade, os velinhos só falam alemão, todos se conhecem, ou pelo menos se mantêm costumes de cidades pequenas, considera que no Brasil, uma cidade de 200 mil habitantes, é uma cidade pequena. Então, Canoinhas é mais ou menos assim. E, sim, quando eu era pequena, a minha mãe cantava músicas para eu dormir em alemão, e me contava histórias em alemão. A minha mãe falava muitos idiomas e havia sempre a tendência de trazer costumes alemães para nossa casa.

A minha formação no Brasil é muito boa. Eu estudei toda a minha vida em escolas particulares, ou seja, me considero muito privilegiada no sentido em que meus pais sempre lutaram muito para me dar o melhor; com 10 anos, já fazia inglês, estudei inglês durante oito anos. Estudei espanhol quando eu tinha 16 anos, não quando tinha 15, acho... Estudei durante dois anos e



depois um ano mais antes de vir para cá, de forma intensiva. Não estudei no melhor colégio particular que havia na minha cidade, mas, não obstante, estava muito bem e me considero muito privilegiada por isso. Nunca parei de estudar, nunca fui reprovada. A verdade é que a coisa saiu de forma muito natural. E também estudei numa universidade particular. Mas, aí nesse caso, eu já tive que trabalhar. Porque temos, havia dentro da minha casa uma educação de que “te damos o primeiro, depois é você que tem que lutar”. E isso me ajudou muito na minha vida. Então, aliás, os estágios no Brasil são remunerados. Assim que você pode conseguir bons estágios e pode ganhar algum dinheiro com isso. E isso me salvou a faculdade.

Eu vim em 2007, 2 de novembro. Acho. 2 de novembro, sim. E cheguei um mês mais tarde do início das aulas, porque tive um problema com o visto. Foi uma das coisas mais estressantes pela qual eu já passei na minha vida. Porque, bom... Tudo começou porque tenho uma professora no Brasil, que me deu aula na licenciatura. E sabe quando você olha um profissional e diz: “aí está algo que eu quero ser”. Então, aí foi quando começou, o instinto de pesquisador saltou muito neste momento. E desde então, ela me ajudou a publicar os primeiros artigos, me ajudou com as pós-graduações que eu queria escolher, e eu era advogada na época, porque eu já saí da licenciatura com trabalho. Então, quando me mudei de escritório... Quando me mudei de escritório, fui fazer assessoria jurídica, e foi péssimo, para não dizer pior. Porque era somente Direito Privado, não era a minha área, isso ficou claro, eu estava muito frustrada, e estava fazendo uma especialização em Direito Constitucional que é a minha paixão. Então, era como uma contradição muito constante, e eu estava muito, muito frustrada com a minha vida. Então falei com a minha professora e então ela me disse, um ano antes: “você não é casada, não tem filhos, por que você não sai do Brasil, vai estudar fora”. E eu, “ai, que fácil, eu não tenho dinheiro para isso”. “Você não tem dinheiro, mas



existem bolsas”. Então, me indicou a página web de *Universia*, então eu procurei e comecei a procurar entre os países que eu poderia ir, e dentro de cada país, consultei cada universidade, cada programa, e quando consultei o programa de Máster de Democracia e Bom Governo da Universidade de Salamanca foi amor à primeira vista. Eu disse: “é isso”. Eu nem sabia da existência da Praça Maior, é sério. Quando entrei na Praça Maior, foi como “Uau”... Foi a descoberta de um mundo novo. Bom, resumindo, aí comecei a me preparar para as bolsas disponíveis. Quais eram as bolsas? A bolsa do Ministério de Assuntos Exteriores, a bolsa Santander, e na época, a bolsa da União Europeia... Como se chamava... Bom, tanto faz porque hoje em dia já nem existe mais. Então, me preparei um ano antes, comecei com um intensivo muito forte sobre Espanha, espanhol cultura espanhola, era rádio, televisão, filme, livro, tudo em espanhol, e comecei a frequentar o Centro de Cultura Espanhola da minha cidade, ou seja, durante um ano comi Espanha durante 24 horas. E consegui o DELE, fiz Instituto Cervantes e tal... consegui o DELE e me candidatei às três bolsas e me concederam a do Ministério de Assuntos Exteriores. Então, quando saiu a bolsa, fui corre atrás da documentação e aí começou o caminho. Na minha cidade... bom, você pode utilizar o Consulado Geral de São Paulo ou de Porto Alegre. Porto Alegre era muito mais longe, então, vamos a São Paulo. O que acontece é que no Consulado as informações mudavam a cada momento, eu tinha que viajar como 450 km cada vez que queria alguma coisa, porque eles não respondiam por telefone. E tive que ir a São Paulo como sete ou oito vezes, só para entregar documentação. E me pediram inclusive a certidão de nascimento da minha avó. Pediram de tudo, e isso que eu era bolsista nesta época, já tinha o certificado, já tinha tudo. O que acontece é que, não sei por que, eu acho que por uma questão de controle imigratório, que faziam na época, porque eu creio que os brasileiros eram imigrantes potenciais a



Espanha, controlaram tudo muitíssimo e saiu o meu visto com atraso, e isso que eu era bolsista, com um mês e 11 dias de atraso. Assim que tive que retrasar o meu bilhete aéreo, perder um mês de aula, enfim... Foi um pouco complicada esta parte.

É... Muito feliz, na verdade. Foi um pouco traumático por um lado... Porque, como eu havia comentado antes, eu tinha um namorado, que era meu noivo de 5 anos, sou filha única, deixei o meu pai, era a primeira vez que saía de casa, deixei a minha cadela, que é o amor da minha vida, mas estava muito animada com esta mudança. Não sabia o que esperar, sabia que ia a Espanha, e minha experiência de Espanha era o que eu tinha pesquisado, ou seja, sevilhanas, o vinho, a culinária e... Miguel de Cervantes, esse tipo de coisa. Pois, quando cheguei aqui, era outra coisa. Saio de lá num verãozinho e chego aqui num inverno horrível. E, bom, os primeiros seis meses de adaptação foram horríveis, horríveis, horríveis. Porque nas duas primeiras semanas, você está muito contente e muito feliz. Depois disso, você começa a perceber as escolhas que fez. Então, começa a sentir falta de tudo: do ar, da porta da sua casa, os ruídos dos seus vizinhos, porque tudo é muito diferente. Para mim, tudo foi muito diferente. Tive, sim, algumas situações que marcaram muito a minha vida, no sentido do choque cultural. Bom, eu sabia falar espanhol, mas ficava muito nervosa na hora de falar. Então, rápido as pessoas me diziam "não te entendo". Nem sequer paravam para me escutar, logo me diziam "não te entendo". Bem. Lembro-me de um dia que fui a *extranjería* para dar entrada nos meus documentos e fazia muito frio e entrei numa cafeteria para tomar um café. Então, havia um garçom no balcão e eu vi que o nome dele era Ramón. Mas, eu não sabia pronunciar o "R" espanhol e comecei: "Jamón", "Jamón", "Jamón", e ele se zangou muitíssimo, trouxe para mim um prato de presunto, que eu nunca tinha visto na



vida... E eu disse: "O que é isso?", e ele: "Você está aí gritando 'presunto', 'presunto', 'presunto', pois aqui está. 11 euros." E eu, "ai...". Enfim, o pão espanhol também me fez sofrer um pouco porque o pão brasileiro é muito molinho. E eu adoro pão. Hoje em dia, eu já me acostumei a ficar sem pão na minha vida, mas no início foi muito duro. Então, no início tinha a gengiva toda machucada, porque por fora o pão espanhol é muito duro. Então, a minha companheira de apartamento me disse: "vai, de manhã bem cedo, comprar o pão recém-saído". Tá bem. Então eu... Estava nevando, foi a primeira vez que eu vi a neve, e estava como uma menina assim "ai, que lindo", e fui comprar pão. Então, olhei para a moça e disse: "Olá, queria uma bisnaga de pão". E para me certificar, perguntei: "Desculpa, o pão é de hoje ou de ontem?". A moça me olhou com uma cara... E me disse: "Não, o pão é de ontem! Você acha que eu acordo às cinco da manhã para que o pão seja de ontem?" Eu olhei para ela e "Obrigada". Então, pouco a pouco, fui entendendo essa dinâmica, onde a simpatia a gente ganha depois e não antes. Esse foi o maior choque cultural que tive na minha vida.

Os professores do máster sim que foram muito, muito bons comigo. Eu acho que com todos os estrangeiros do meu máster, porque eram basicamente todos latinos. Tinha dois espanhóis de trinta, de um grupo de trinta. Ou seja, era uma maioria de latinos; de brasileiros havia outros dois mais, e havia gente do México, Nicarágua, da Guatemala, do Chile, enfim, eram basicamente latinos. E os professores deste máster sim que estavam muito preparados para receber estrangeiros. Então, nos davam muitos conselhos e isso foi um apoio muito importante para mim também. Porque mesmo que tinha bolsa, houve momentos em que... Eu me lembro de uma época, quando eu preparava a mala todos os domingos. Todo domingo. Dava uma crise e fazia a mala todo domingo. Sério. Até que um mexicano da minha aula... Eu tinha comentado com ele que eu



odiava os domingos e não sei o quê... E num domingo que eu desci para falar com o meu pai para trocar a minha passagem no locutório, ele estava apertando todos os botões do meu edifício para descobrir qual era a minha casa, para me levar para passear. E ele me levou à Catedral, foi a primeira vez que fui à Catedral.

Então, eu estava em Barcelona para o show do U2, de U dois, e sim que aí eu estava com uma amiga, e ela era brasileira, mas o marido e os amigos eram todos catalães. E então, o que aconteceu? Quero acreditar que os catalães são ainda espanhóis e por isso vou incluí-los nesta história. Assim que, pois, este foi o meu primeiro contato. Depois quando eu cheguei a Salamanca, que eu estava sem amigos, os amigos do máster já tinham ido embora e tal... E aí entra outra história, outro capítulo da minha vida que se chama *couch surfing*. O *couch surfing* é uma organização por internet, que funciona para conhecer pessoas, e eu entrei nessa rede acidentalmente. Eu havia recebido um email de um rapaz português. Um ano antes, eu tinha deixado um anúncio na página web dos *San Fermes*, para compartilhar viagem e essas coisas, que eu queria ir. No final, eu fui, mas com outras pessoas. E o anúncio ficou ali. E o português que ia um ano depois, entrou em contato comigo, eu estava sozinha, e eu "estou sozinha, eu vou...", mas no final ele me pediu o meu perfil em *couch surfing*, e eu "o que é isso?", então fiz um perfil *x*, ele não me viu e eu não fui a Pamplona. Mas aí, outras pessoas começaram a me escrever para ficar na minha casa, para encontros, para um café e tal, e aí passei a conhecer não só espanhóis, mas também estrangeiros e viajantes. E isso mudou a minha vida. Porque desde então, consegui entrar no círculo espanhol, mesmo que inicialmente espanhóis de outras províncias, de outras Comunidades Autônomas, para depois entrar realmente no círculo castelhano e também de estrangeiros de mil países. Já hospedei um monte de gente na minha casa, são três anos de aventuras assim,



viajei a Europa toda com esse sistema. E sem comentários: recomendo vivamente porque mudou a minha vida. Sentia falta de voltar, de contar a todos no Brasil da minha experiência, e também porque a AECI me permitia, porque havia aí um suporte econômico para isso. Não obstante, depois não voltei por duas razões: uma, porque não tinha dinheiro, porque é muito caro; ou seja, eu não estou em Recife. Passagens para Recife são muito baratas. Em compensação, para Curitiba, mil euros como mínimo. E fora o que se gasta para estar ali. Então, não. Com mil euros, eu podia viver quase três meses aqui. Então, não. E segundo, porque com o dinheiro que eu ia conseguindo, eu preferi conhecer a Europa. Porque é muito importante. Já que eu estou aqui, vamos conhecer, conhecer a cultura, vamos ampliar horizontes.

Que pergunta difícil. Eu não sinto falta do Brasil.

Já não arruma as malas no domingo?

Não, faz tempo já que não. Isso já está muito controlado. Por quê? Porque, realmente, depois de tanto tempo, ou você se convence do que tem que fazer que é estar aqui, dar o seu melhor e cumprir com essa missão, que você mesmo planejou, ou vai embora de uma vez. Porque estar aqui sofrendo, não. Pois então, quando eu escolhi a opção de estar realmente aqui, isso me fez muito bem. Eu tive que sacrificar muitas coisas, eu tive que sacrificar muitos sentimentos meus, no sentido de cortar laços. Eu, atualmente, no Brasil, não tenho nenhum laço. Tenho um laço com o meu pai, com quem falo a cada dois dias, laços com muitos dos meus amigos, porque tenho muitos bons amigos, mas não tenho tanta necessidade de estar lá, de ver coisas de lá, de comer coisas de lá, não tenho mais essa necessidade. Porque estou muito bem adaptada aqui na Espanha. Ou



seja, Espanha é a minha casa. Quando eu estive no Brasil agora, até sentia falta da Espanha. E quando estou aqui, é claro que existem certos momentos que você sente falta do Brasil. Isso é muito normal. Eu acredito que a partir de um momento, você tem o coração dividido em dois. E isso talvez seja assim para a vida toda. Então, de sentimentos ruins, não tenho nenhum. Tenho sim, agora não tanto, porque fui ao Brasil há pouco tempo, mas tinha muita curiosidade para saber como estava, porque desde aqui, você sabe de coisas, você sabe do crescimento econômico, você sabe da prosperidade, de não sei o quê, do cambio social que vem acontecendo e, sim, houve. Então, essa curiosidade eu já matei. Não obstante, eu posso sobreviver muito bem longe do Brasil.

Bom, num primeiro momento vou viver no Brasil, em Curitiba. Creio que tenho bastantes oportunidades lá, só que não tenho ninguém esperando por mim. Assim que de algum ponto tenho que começar. Eu acho que não me vejo envelhecendo no Brasil, ou seja, ver o que é um ponto inicial, mas se você quer saber, não sei onde vou parar. Porque uma vez que você sai, sai. Ou seja, já não me importa viver na Espanha, ou na Itália, ou na Bélgica, ou nos Estados Unidos, não. Eu quero é alcançar os meus objetivos profissionais. Seja onde for. Assim que...

Eu já pensei tanto nesse dia. Isso toca nos meus sentimentos, hein?! O símbolo "mala". E. O que eu levo? Bom, de material, levo, e. Bom, eu já vendi toda a minha casa, tinha forno, micro-ondas, jogo de pratos, e tal... Fiz um leilão e com o dinheiro fiz uma festa para todos os meus amigos. Porque o dinheiro está feito para isso, ademais, nem tinha tanto e o pessoal se divertiu! Então... E... Levarei as minhas coisas, mas a experiência que tenho não cabe nas malas. Não cabe em malas. Tenho



sentimentos controversos com isso, quero ir embora, mas não sei... Às vezes quero ficar mais uns dias. Ou então, às vezes, é para nós no Brasil é tão complicado ter a mesma vida que eu tenho aqui. Por exemplo, eu vivo com muito pouco e tenho qualidade de vida. Isso é um fato. Posso caminhar por toda a cidade, respiro um ar muito melhor do que em qualquer capital, aqui as coisas são muito baratas, e isso é um caso muito particular de Salamanca. Então, tenho medo de voltar, mesmo que já não tanto, e tenho vontade de ir embora. É... É algo muito contraditório, que ainda tenho que resolver dentro de mim. Mas, o que vou colocar nas malas será as minhas coisas e espero que não me deem nada de presente porque já não cabe nada. Risos...

A Espanha me deu tudo, me deu tudo: abriu-me as portas... Disse-me, literalmente: "se você quer sair do Brasil, sai". Pagaram a minha viagem, me deram suporte econômico, me deram tudo. Não obstante, eu me dei conta de outras dificuldades que nenhuma bolsa pode te ajudar: que é a dificuldade social. Fazer com que você baile a música das pessoas com quem você está, com as pessoas com quem você vive, não vai funcionar. E se é pra vir, é pra vir com o coração aberto, ou seja, quando eu entendi isso, as coisas ficaram muito mais fáceis. Mesmo que, como eu disse, quando você está pelo mundo, pode acontecer qualquer coisa. E me sinto muito privilegiada por poder contar essa história.